

A MENINA QUE BRINCAVA COM FOGO

Stieg Larsson

Esta obra apresenta-se como um segundo volume de uma trilogia, portanto uma sequência com aproveitamento de elementos do primeiro.

Começamos a leitura com aquela perspectiva, não favorável, no sentido de que o segundo filme é pior do que o primeiro.

Ultrapassados dois ou três capítulos a perspectiva não se confirma, e a leitura dispara voraz.

Variações do segundo em relação ao primeiro:

a) O assunto é de interesse mais amplo: O tráfico de mulheres (Tema preocupante no Brasil. Sabe-se que um contingente numeroso de brasileiras está lá fora. Vão enganadas, iludidas, perdem a liberdade e muitas perdem a vida.).

b) No primeiro volume, Mikael Blomkvist tem primazia no elenco. Neste, Lisbeth Salander rouba a cena. É protagonista por inteiro. Mikael é pouco mais que coadjuvante.

c) Os personagens vilões são em maior número e radicalmente perigosos.

Perfil do protagonista:

Lisbeth Salander escapa a qualquer desenho ou esboço. É personagem estruturado e desenvolvido ao expoente máximo (cabe a fórmula matemática). Não é simpática nem atraente, repele amigos. É puro granito, duro, mal desbastado. Tem um pouco de Quasímodo, Caty, Jean Valjean, Julien Sorel, Raskólnikov, personagens marcantes em outras leituras. É do bem? É do mal? Não dá para definir.

No capítulo 13 surge como assassina. O leitor que leu o primeiro volume, *Os homens que não amavam as mulheres*, sabe que é pista falsa. Lisbeth não mata, pode matar, não mata sem motivo – três condições para se continuar sem uma definição.

No geral, Lisbeth odeia os homens, com fortes razões para isso. Em Granada (Espanha) salva Geraldine Forbes, não movida por qualquer afeto ou solidariedade, mas por ódio ao homem, sendo implacável com Richard Forbes.

Tem no pai o maior inimigo, segredo que não revela (segredo de Estado por envolver Órgãos de Segurança).

O autor fez de Lisbeth Salander uma máquina perigosa, pronta para se defender e pronta para matar, se desafiada. Excluindo-se o físico, tem-se um pouco de Rambo e similares (cena final). Exagerou?

O tema tráfico de mulheres, que vinha sendo trabalhado como o principal eixo do romance, foi perdendo espaço para a protagonista: Lisbeth Salander é o romance — *A menina que brincava com fogo*.

Imagine-se outro final:

O romance termina por uma cena que ultrapassa o humano possível. É o tipo de cena que leva o leitor a afirmar: isso só em ficção.

Podia se imaginar um final mais humanamente possível. Lisbeth Salander enfrenta dois perigosos inimigos: um, meio-irmão (Niedermann), tem massa corporal e força, mas é lerdo e tolo; o outro, o pai (Zala), sagaz e extremamente violento, tem um ponto vulnerável: as pernas:

Junto ao túmulo, escanteia Niedermann (como fez). Aproveita a estupefação de Zala e numa acrobacia (já demonstrada em outra cena), derruba o inimigo, que mal se sustenta nas pernas. Havia ali uma arma, uma pá, possível de ser usada. Não chega a matá-los, deixa-os bem estropiados e entrega-os à polícia.

Seria um outro final, mas a obra é o que é. O autor assim preferiu. O cinema também é fértil em personagens sobre-humanos.

“Menos do que uma vítima indefesa ou, (...), uma assassina desequilibrada, Lisbeth age como uma espécie de anjo vingador, castigando os pecadores com fúria implacável. Mikael quer encontrá-la antes de todos. Ele sabe que, se provocada ou ameaçada, ela pode atacar – com resultados imprevisíveis”. (orelha)

1. Quasímodo: *O Corcunda de Notre Dame*, de V. Hugo — personagem bem definido: feio por fora, bom por dentro.
 2. Caty: *A Leste do Éden*, de J. Steinbeck — (mito da mulher anjo com alma de demônio); personagem bem definido, é sempre má, parece ter nascido do mal.
 3. Jean Valjean: *Os Miseráveis*, de V. Hugo — personagem do mal evolui para o bem.
 4. Julien Sorel: *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal — personagem de grande complexidade: beleza pessoal, simulado, memória fotográfica.
 5. Raskólnikov: *Crime e Castigo*, de Dostoievski — personagem que evolui do bem para o mal: engendra o crime como se desenvolvesse uma teoria; crime praticado não suporta a culpa.
- (vale pelas semelhanças e também pelos contrastes)

(Larsson, Stieg. *A menina que brincava com fogo*. Trad. de Dorothee de Bruchard, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.)